

INTERVENÇÕES DIALÓGICAS NO TRABALHO COM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

DIALOGUE INTERVENTIONS AT THE WORK WITH PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

INTERVENCIONES DIÁLOGICAS EN EL TRABAJO CON PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

Tainá Mani Almeida *
taina.manialmeida@gmail.com

Priscila Pires Alves **
priscilarosas71@gmail.com

* Discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade de Brasília – Brasília/DF - Brasil
** Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense – Volta Redonda/RJ - Brasil

Resumo

O autismo se caracteriza por modos de comunicação e interação que se diferenciam do que se define como desenvolvimento típico. Compreender o que é próprio da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), torna-se um desafio para as práticas e terapêuticas contemporâneas. Nesse contexto, a Gestalt-terapia, revela-se como uma importante abordagem cuja intervenção visa ampliar o entendimento das relações dinâmicas no campo da pessoa e seu mundo. Conhecer e explorar outras possibilidades de se abrir para o contato e interação é um dos convites que a pessoa com TEA nos faz. A intervenção proposta pela perspectiva dialógica em Gestalt-terapia, releva as diferentes formas de expressão e comunicação possíveis, bem como suas idiosincrasias e formas de Estar-No-Mundo.

Palavras-chave: Autismo. Dialogia. Interação.

Abstract

Autism is characterized by modes of communication and interaction that differ from what is defined as typical development. Understanding what is characteristic of the person with Autism Spectrum Disorder (ASD) becomes a challenge for contemporary practices and therapies. In this context, gestalt-therapy proves to be an important approach whose intervention aims to broaden the understanding of the dynamic relationships in the field of the person and his world. Knowing and exploring other possibilities to open up to the contact and interaction is one of the invitations that the person with TEA makes us. The intervention proposed by the dialogical perspective in Gestalt-therapy, highlights the different forms of expression and possible communication, as well as their idiosyncrasies and ways of being-in-the-world.

Keywords: Autism. Dialogia. Interaction

Resumen

El autismo se caracteriza por modos de comunicación e interacción que difieren de lo que se define como desarrollo típico. Comprender lo que es característico de la persona con trastorno del espectro autista (TEA) se convierte en un desafío para las prácticas y terapias contemporáneas. En este contexto, la terapia gestalt demuestra ser un enfoque importante cuya intervención apunta a ampliar la comprensión de las relaciones dinámicas en el campo de la persona y su mundo. Conocer y explorar otras posibilidades para abrirse al contacto y la interacción es una de las invitaciones que la persona con TEA nos hace. La intervención propuesta por la perspectiva dialógica en la terapia Gestalt, resalta las diferentes formas de expresión y comunicación posible, así como sus idiosincrasias y formas de ser en el mundo.

Palabras clave: autismo; dialogia, interacción.

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição neurológica e neurodiferenciada. Segundo Andrew Solomon (2013), o autismo é, em primazia, uma identidade rica e uma forma de existir no mundo. Estima-se que a incidência populacional do espectro do autismo seja em torno de 1 para 160 pessoas (ONU, 2017). O sexo masculino ainda é majoritariamente afetado (TAMANAHHA *et al*, 2008).

O termo autismo é usado pela primeira vez por Eugen Bleuler em 1911. Ao fazer uso desse termo, Bleuler tinha a intenção de se referir ao processo de afastamento do sujeito da realidade externa, o que, para ele, marcava a impossibilidade de comunicação entre o sujeito e o mundo.

Pesquisas na área de desenvolvimento indicam que as maiores dificuldades encontradas no espectro do autismo dizem respeito à interação social. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (1993) e Powers (1999, *apud* Fonseca, 2001), o autismo está presente desde o nascimento e se agrava em torno dos dois anos, quando as respostas distanciadas e a falta de interação da criança ficam mais perceptíveis. Segundo Rocha e Assis (2013) é nesse momento, em geral, que se inicia a busca familiar por tratamentos terapêuticos para o sujeito recém-descoberto como autista.

Para dar início ao diagnóstico e às terapias pertinentes ao acompanhamento desse indivíduo, é necessário que o profissional de saúde conheça as indicações do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais). O primeiro Manual foi publicado no ano de 1952 e era composto por nomenclaturas, critérios e padrões indicados para diagnosticar diferentes tipos de transtornos. Nesse manual, entretanto, os sintomas do autismo eram caracterizados como um subgrupo da esquizofrenia infantil. Em 1968, ocorre a publicação do DSM-II. O novo manual, contudo, não traz mudanças a respeito da compreensão do autismo.

A publicação do DSM-III, em 1980, que traz uma nova compreensão para o paradigma do autismo. O psiquiatra compreende o autismo a partir de quatro critérios: 1) atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; 2) problemas de comunicação não só em função de deficiência intelectual associada; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos 30 meses de idade. É, portanto, somente no DSM-III, que o autismo é alocado pela primeira vez na classe dos transtornos - Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). Dessa forma, passa-se a compreender que diversas áreas do funcionamento cerebral são afetadas no autismo.

Em 1994, foi publicada a 4ª edição do DSM. É no DSM-IV que o autismo passa a agregar uma categoria chamada Transtornos Globais do Desenvolvimento. No referido manual, há importantes critérios que devem ser levados em consideração para o diagnóstico do Transtorno Global do

Desenvolvimento, como marcante lesão na interação social e na comunicação; padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividade; atraso ou funcionamento anormal da linguagem social e da ação simbólica. É nele, ainda, que aquilo que era popularmente chamado de autismo, passa a ser identificado como cinco diferentes disfunções: Transtorno Autista ou autismo clássico, Transtorno de Asperger, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Sem Outra Especificação, Síndrome de Rett e o Transtorno Desintegrativo da Infância.

Estudos e pesquisas sobre o autismo continuaram a se desenvolver, assim como aumentou a identificação de pessoas com esse transtorno. Como consequência, com a publicação do DMS -V, no ano de 2013, foram propostas modificações significativas para que o diagnóstico de autismo fosse estabelecido. Neste manual, os diferentes transtornos indicados no DSM-IV passam a ser identificados como Transtorno do Espectro do Autismo, tendo apenas como exceção a síndrome de Rett.

Surgem, então, mudanças nos parâmetros para o diagnóstico, que passa a ser feito a partir da observação da existência das seguintes características: deficiências persistentes na comunicação e interação social; padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento e causar prejuízo clinicamente significativo nas áreas social e ocupacional ou em outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente. Além disso, não podem ser justificados por deficiência cognitiva ou atraso do desenvolvimento.

É na busca de terapias assistivas que, muitas vezes, a família se depara com a problemática da linguagem e seu desenvolvimento. Nesse momento, perguntas frequentes sobre como a linguagem se desenvolve no espectro autista e quando ela se inicia são bastante comuns. Por isso, é de grande importância que o profissional da saúde ou da educação compreenda que a linguagem pode não se dar na forma tradicional. A linguagem não reproduz o mundo, mas sim produz um mundo, favorecendo assim, uma ampliação do entendimento da clínica com pessoas com TEA. Assim, a proposta dialógica, constitui-se um importante recurso para o trabalho com a pessoa com TEA.

A relevância dos estudos sobre a linguagem no Transtorno do Espectro do Autismo consiste no fato de que se podem considerar diferentes formas de expressão e comunicação que não se limitam a forma verbal. Sujeitos com TEA são frequentemente excluídos das interações ao não se expressarem verbalmente. Sendo assim, a proposta do presente artigo consiste em apresentar as possibilidades da intervenção dialógica através da narrativa, que considera a pessoa em sua totalidade e o reconhecimento dos múltiplos códigos de comunicação e expressão existentes.

A INTERVENÇÃO DIALÓGICA EM AÇÃO: O TRABALHO COM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Para a perspectiva dialógica, o ser humano é um ser em constante processo de desenvolvimento. Segundo Alves e Souza (2014), o homem só é compreendido dentro de seus processos relacionais, portanto é na relação que o sujeito é constituído. As relações dialógicas são o modo de funcionamento da vida e da vivência humana que caracterizam a abertura de um ser ao outro e os processos transientes que decorrem dessa relação.

Buber (2004), considera que a capacidade dialógica do homem é uma condição essencial para que sua constituição como ser-no-mundo se estabeleça. O conceito de intervenção dialógica está calcado na perspectiva desse autor, ao considerarmos que a abertura dialógica a um ente favorece o encontro e a emergência de possibilidades de ação e intervenção peculiares e específicos àquela relação. Assim, o pressuposto do qual se parte é o de que os problemas que afetam uma pessoa estão sempre subjacentes a um problema de relacionamento, de “entreidade” (betweenness), uma situação de falta de uma relação dialógica entre um e outro ser existente.

Pode-se considerar essa assertiva a partir do trabalho com pessoas com TEA. O autismo, por ser considerado uma deficiência, supõe nos conceitos canônicos instituídos, que algo falta à pessoa. A Convenção da Organização das Nações Unidas de 13 de setembro de 2006, ressalta em seu preâmbulo que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação das pessoas na sociedade em igualdade com as demais pessoas. Portanto, o desafio no trabalho de agenciamento e negociação com a sociedade vigente é o de abertura dialógica para o ser-do-outro não como algo que falta a partir de uma ideia estabelecida de completude, mas como possibilidade de descoberta a novas revelações que o ser-do-homem pode oferecer. Por esta razão, na intervenção dialógica o desafio é o de romper o isolamento no qual o outro se encontra por determinações externas a ele. Neste modo de intervenção, o desafio é exercitar a arte da inclusão no sentido de abertura, compreensão, disponibilidade, acolhida ao outro para que se capture o que pode emergir desse encontro dialógico.

Cada homem tem o dever de saber ... que jamais houve no mundo ninguém igual a ele, pois caso houvesse existido alguém igual a ele não haveria necessidade de que nascesse. Cada homem é um ser novo no mundo, chamado a realizar sua particularidade no mundo” (Buber, 1958, p. 139)

Na perspectiva dialógica, a realização da singularidade da pessoa é uma derivação do encontro Eu-Tu/ Eu-Isso, palavras princípio norteadoras da condição do ser-do-homem. O Eu-Tu, seria o encontro inter-humano que se dá numa direção de realização, sem premeditação, uma abertura para a emergência de possibilidades de ser. O Eu-Isso é o encontro da objetivação da existência, de sua orientação. Para Buber (1965), orientar-se na existência aponta para o Isso e realizar-se na existência para o Eu. *“Realizar a própria singularidade transcende o círculo da própria pessoa. Isto significa estar pronto para uma relação [...], a relação pela qual o homem existe [chega-a-ser humano]”* (Buber, 2004, p. 58).

O acontecer dialógico humano exige contiguidade. Razão pela qual o procedimento da intervenção dialógica precisa incluir na presença, na abertura, na conexão. Fazer-se presente, atento ao princípio da mutualidade, aceitando, afirmando e confirmando o outro de modo singular e inerente aquele encontro que se dá. Para Buber (1988), a base da vida interpessoal é que a pessoa seja confirmada, apoiada tal como ela é, tal como ela possa vir-a-ser. *“Confirmação é um incoercível e indestrutível anseio humano de ser aceito e afirmado na sua singularidade apesar das opiniões contrárias”* (p. 196-197).

Assim, podemos afirmar que na intervenção dialógica, existe como princípio uma disponibilidade para que sem entre em relação, para que se estabeleça um encontro que está previamente orientado, mas que possibilite a realização. Suspende-se os pressupostos, as expectativas e os objetivos previamente propostos. Abre-se às possibilidades para que, da interação se produza ação-reflexão. Nesse sentido, o trabalho com a pessoa com TEA deve implicar uma abertura para a compreensão do que é próprio da pessoa, uma disponibilidade para sua revelação e expressão. Essa disponibilidade dialógica, ao confirmar o outro na sua possibilidade potencializa sua expressão e seu vir-a-ser.

A prática se faz em ato. Constitui-se no encontro dialógico eu-outro, como resultado de um entre em que a abertura para a compreensão das diferentes formas de expressão, e sobretudo no caso do autismo, de enunciação possam ganhar espaço. Portanto, as ecolalias, as estereotípias, as manifestações idiossincráticas de cada um são consideradas expressões passíveis de confirmação e não de negação ou de impossibilidade de ser-no-mundo. Revelam formas peculiares de ser que podem se encontrar num espaço de acolhida e ganhar contexto na compreensão e não da supressão de suas formas de expressão.

Considerando a intervenção dialógica como linha de atuação, acredita-se que, a cada encontro com a pessoa com TEA, o vínculo é estabelecido e o processo de encontro relacional se dá. É na eterna busca de compreender o ser-no-mundo de cada sujeito que entendemos que o processo terapêutico se estabelece.

De acordo com Alves e Souza (2014, p. 226)

Compreendendo a pessoa humana como ser de relação, Buber (1979), a caracteriza segundo as palavras-princípios que ela pronuncia - EU-TU ou EU-ISSO, modos de existência que refletem dois polos da mesma humanidade e sua dupla atitude face ao mundo, compreendida como posição fundamental de se colocar a qualquer dos existentes. A relação EU-TU, reflete a atitude do encontro com o outro, expressão do significado mais profundo da existência humana, que se revela no engajamento, na solidariedade com o mundo; reflete o comprometimento incondicional com o outro, enquanto o relacionamento EU-ISSO expressa o distanciamento, a objetividade; reflete a atividade do saber, do experimentar, do utilizar.

Para Amescua (1999), o autismo é um endurecimento das fronteiras de contato, ou seja, um endurecimento na questão relacional, onde sujeito e mundo se relacionam de forma invasiva. Ao não ter uma boa relação com o ambiente exterior, a criança tende a se fechar cada vez mais em seu próprio universo. Não cabe a nós, terapeutas, romper essas fronteiras de contato, mas entendê-las como posturas subjetivas, e permitir que essas tenham uma abertura mais branda das fronteiras, respeitando a posição de sujeito da pessoa.

Uma das possibilidades para a compreensão do trabalho junto ao sujeito com TEA é o da narrativa dialógica. Compreendendo que o sujeito relaciona-se de forma interpessoal ou pragmática com o mundo, é necessário que se perceba se esse em suas relações estabelece comunicações dialógicas ou monólogos ao falar de si. O sujeito que ao narrar uma experiência implica outros indivíduos e formas no seu discurso, opta por realizar encontros narrativos dialógicos, distintamente daquele que ao contar de si, isola o meio e afasta sua subjetividade da experiência vivida junto a outras humanidades.

Ao narrar um acontecimento, o narrador constrói e reconstrói, encadeia cenas e escolhe os personagens para si, implicando-se assim no que é narrado. Sendo a narrativa um processo subjetivo, há intrinsecamente uma escolha na forma de se comunicar, uma vez que é no ato de narrar que o homem é impulsionado a ordenar e atribuir sentido para suas próprias vivências e trajetórias e implicar-se como sujeito presente no mundo.

Para Monteiro (2014), as narrativas comportam *agentes heterogêneos*, uma vez que trazem à tona relatos que a história em si não é capaz de trazer: o relato dos afetos, dos sentidos e do sentir. A autora também acredita que são essas afecções que a narrativa traz ao mundo percebido, que permitem transformações nas formas como os encontros do e com o mundo são ressignificados.

A narrativa dialógica considera as experiências fenomenológicas dos indivíduos, assim como sua constituição social e cultural. É na possibilidade de se expressar e 'se-contar' que o sujeito se faz presente

na dimensão da interação. Como defendem Arendt, Moraes e Tsallis (2015), a subjetividade de cada indivíduo não pode ser vista como um fator passível do desencorporar clínico, mas sim como um elemento do processo de descoberta do que os autores nomeiam de um pesquisadorCOM. Dessa forma entende-se que o processo de Intervenção narrativo dialógico, não deve buscar por resultados previamente esperados, mas sim buscar uma disponibilidade dos sujeitos ali presentes para, o possível, encontro Eu-Tu, assim como também um processo de vinculação do sujeito ao processo terapêutico por meio de possibilidades de contar de si ao outro e ao mundo.

Acredita-se que esse não delimitar de práticas traz o processo terapêutico para uma dimensão do fazerCOM, no qual se aposta na conexão dos sujeitos e como esse emerge na pesquisa em uma postura de dispositivo. Nesse caso, o pesquisador se coloca à disposição da pesquisa e de seu objeto. Compreende-se que, devido ao fator emancipatório das narrativas, essa se apresenta como uma metodologia condizente e propícia ao trabalho com crianças com TEA, possibilitando que o sujeito expanda suas fronteiras de contato comunicacionais de forma que a ele melhor couber.

Entendemos que o processo terapêutico com uma criança com TEA deve levar sempre em conta a sua singularidade no contato com o outro e com o mundo. Por isso cabe ao terapeuta conhecer as diversas formas de se existir dentro do espectro. A construção de intervenções terapêuticas singulares e a aposta em seus resultados podem revelar novos recursos de trabalho, validando e conquistando o olhar para a diversidade de comunicação e expressão que as diferentes narrativas dos sujeitos no mundo podem oferecer.

De acordo com a visão de homem presente na perspectiva dialógica, é na intersubjetividade concebida fenomenologicamente que se constitui a condição para ser-no-mundo. Sendo assim, compreender o que é próprio da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), torna-se um desafio para as práticas e terapêuticas contemporâneas. Nesse contexto, a intervenção dialógica, revela-se como uma importante abordagem cuja intervenção visa ampliar a compreensão das relações dinâmicas no campo da pessoa e seu mundo. A intervenção proposta pela perspectiva dialógica, releva as diferentes formas de expressão e comunicação possíveis, bem como suas idiossincrasias e formas de Estar-No-Mundo.

DISCUSSÃO

As perguntas filosóficas e antropológicas acerca do que é o homem, e suas complexas respostas, podem auxiliar, a compreender a condição do ser-do-homem e os desafios que essa condição nos oferece

para pensar nossas práticas “terapêuticas”. A perspectiva dialógica, ao voltar-se para a relação e o interesse pelo que dela deriva, aposta numa elaboração que permite o entendimento de que a relação como princípio, produz um compromisso com o outro, a implicação com as ligações que nos conectam no mundo e ao mundo.

Paulo Freire (2001) apresenta-nos a ideia de constante autonomia e autorregulação do sujeito com seu meio. É nesse processo de busca de constância que acreditamos que a criança autista está inserida, uma vez que ela está sempre remodelando suas fronteiras de contato e estreitando seus laços afetivos. Os obstáculos das crianças dentro do espectro do autismo são constantemente ultrapassados por elas, e para elas, na premissa de que o mundo é construído por diferentes subjetividades. É nesse sentido que defendemos que a subjetividade do indivíduo com TEA deve ser respeitada com uma grande expressão de si.

Muitas práticas são sempre levantadas ao tratarmos do espectro do autismo, mas para que todas elas se apresentem com resultados frutíferos, é necessário que toda a equipe de cuidado - família, amigos, escola, profissionais da saúde etc.- esteja aberta à experiência única que é entrar em contato e em relação com uma criança com TEA.

Um dos compromissos fundamentais na perspectiva dialógica consiste em possibilitar que a pessoa com TEA se revele com todas as suas potencialidade e limitações, bem como que se parta da abertura para interação e, a partir daí, os desdobramentos decorrentes da comunicação e vinculação se manifestem.

Referências

- ALVES, P. P.; SOUZA, P. P. M. (2016). Dialogando sobre o autismo e seus reflexos na família: Contribuições da perspectiva dialógica. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, Lisboa, v. 5, n. 1, p.223-230.
- AMESCUA, G. (1999). Autismo na teoria Gestalt: em direção a uma teoria Gestalt da personalidade. *Gestalt Review*, South Wellfleet, v. 3, n. 3.226-238.
- ARENDRT, Ronald; MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Por uma psicologia não moderna: o PesquisarCOM como prática meso-política. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 15, n. spe, p. 1143-1159, 2015.
- BUBER, M. (1958). *Hassidism and modern man*. New York: Horizon Press.
- _____. (1965). *Daniel, dialogues on realization*. New York: McGrawHill Book
- _____. (1988). *The Knowledge of Man: Selected Essays*. Humanity Books
- _____. (2004). *Between Man and Man*. New York: Routledge.
- FONSECA, M.E.G. (2001). *Autismo*. São Carlos: CEDAP.
- FREIRE, Paulo. (2001). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- MONTEIRO, A.C.L. (2014). O Caminho da Narrativa: Construções Temporais de Constituição da Vida. In Prestrelo, E.T & Quadros, L.T (Eds), *O Tempo e a Escuta da Vida: Configurações gestálticas e práticas contemporâneas* (pp. 109-129). Rio de Janeiro : Quartet.
- Organização das Nações Unidas.(2017).OMS afirma que autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2017/04/1581881-oms-afirma-que-autismo-afeta-uma-em-cada-160-criancas-no-mundo>. Acesso em: 20 Maio. 2019.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed.
- SOLOMON, A, (2013). *Longe da árvore*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TAMANAHARA, A.C; PERISSINOTO, J; CHIARI, B.M. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos de Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. São Paulo, v. 13, n. 3, p; 296-299, jul. 2008.

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 30/11/2019

Endereço para correspondência:

Nome: Taina Mani de Almeida

Email: taina.manialmeida@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).